

Passando ao Lado Mas Ainda Dentro

2

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS ROTEIRO PARA A DELINQUÊNCIA

Reprodução de texto publicado na revista “Seleções” nº 152 (set/1954). Trata-se de um texto condensado do livro “Seduction of the Innocent”, do Dr. Fredric Wertham, Psiquiatra e Diretor da Clínica Lafargue da cidade de Nova York.

Num dia de julho de 1950, durante um jogo de baseball no estádio Polo Grounds, de Nova York, um espectador de meia-idade que estava nas gerais caiu subitamente para diante com a cabeça ensanguentada. Levado dali, faleceu pouco depois, vitimado por uma bala de calibre 45, ao que tudo indica um tiro disparado a esmo de um dos edifícios de apartamentos dos arredores.

A polícia bateu os prédios vizinhos e acabou prendendo um rapazinho de 14 anos chamado Willie, que os jornais descreveram como “doido por arma”. No apartamento onde Willie vivia com sua tia, a polícia encontrou duas carabinas de calibre 22 e uma poderosa pistola calibre 22 de tiro ao alvo; o rapazinho confessou que também possuía uma pistola calibre 45 e que atirava com ela. No tribunal o juiz declarou: “Não podemos condená-lo, mas acredito que você é culpado.” Com essa declaração determinou que Willie fosse recolhido ao reformatório estadual por um período indeterminado.

Os comentários da imprensa puseram a culpa na tia do menino e exprobaram-lhe a “irresponsabilidade na educação do jovem”. Mas seria ela culpada? As investigações revelaram que Willie era um furioso leitor de histórias em quadrinhos. A sua tia ficara alarmada e proibira-o de levar essas revistas para casa; mas o dilúvio continuou.

The author of THE SHOW OF VIOLENCE and DARK LEGEND

SEDUCTION OF THE INNOCENT

Fredric Wertham, M.D.

*the influence of
comic books on today's youth*

Tenho diante de mim, enquanto escrevo, algumas das revistas de Willie. Mal impressas e trazendo marcas de muitas leituras, são histórias de violência e de sexualidade, contadas sem rebuços. Aqui é um bandido de cara lúbrica dominando uma jovem atraente e pouco vestida, ali uma pormenorizada sequência gráfica de fotografias ilustrando uma gravata pelas costas.

Anos de trabalho com crianças desajustadas me convenceram de que o nocivo estímulo dessas revistas de histórias em quadrinhos contribui acentuadamente para a delinquência. A maioria das pessoas, inclusive muitos psicologistas, pouco ou nada sabe sobre tais publicações. As histórias em quadrinhos, imaginam eles, são histórias de animais, tipo Walt Disney, ou a reprodução de histórias em quadrinhos publicadas nos jornais... como ‘Delícias da Vida Conjugal’.

Mas isso é um grande erro. Raramente as revistas de histórias em quadrinhos são a reprodução das histórias em quadrinhos dos jornais, as quais são submetidas à censura dos redatores. Não existe órgão algum com autoridade para censurar ou impugnar histórias em quadrinhos das revistas.

Em 1948, quando calculei que uns 60 milhões de exemplares dessas revistas eram publicadas cada mês, ninguém acreditou. Hoje a circulação anda na casa dos 90 milhões. Uma revista de histórias policiais em quadrinhos – verdadeira cartilha de delinquência juvenil – afirma ter 6 milhões de leitores.

Em 1946, as histórias policiais representavam apenas 10% do total de revistas de histórias em quadrinhos. Por volta de 1949 as histórias policiais tinham subido para metade da produção total, e em 1953 formavam a grande maioria. As chamadas “boas” histórias em quadrinhos – esportes, histórias de animais, desenhos de Walt Disney – não constituem hoje mais do que um quinto do total.

As capas dessas revistas frequentemente trazem declarações de que as histórias obedecem a algum código especial, e estampam recomendações de “educadores” e passagens de alguma ética dissimulada. Uma capa típica mostra um cadáver com sangue na boca e o assassino de pé, ao lado. Abaixo, num pequeno círculo, vem a legenda: “O crime não compensa”, e, em tipo menor ainda, as palavras: “Dedicado à extinção do crime”. As crianças sabem que tais legendas são apenas uma cortina de fumaça para os pais e professores. “E não falta quem diga que as revistas prestam”, disse-me um rapazinho referindo-se a recomendações desse gênero.

Uma revista de histórias em quadrinhos traz estes dizeres: “Esperamos que nestas páginas a juventude aprenda a conhecer o crime como de fato ele é: um beco sem saída de loucos e lágrimas”. Dentro, um criminoso aterroriza a família de um fazendeiro, espanca este, procura seduzir-lhe a esposa e rapta-lhe o filho como refém. “Vou te quebrar os dentes!” rosna ele, dando na criança. No final o criminoso escapa à lei matando-se com um tiro, como herói. A história tem 97 ilustrações em que o criminoso está vencendo e uma do seu fim violento – uma proporção de 97 partes de “crime” para uma parte de “não compensa”.

O perigo das revistas “infantis” do tipo a que se refere este artigo não se limita aos Estados Unidos, uma vez que elas são exportadas, traduzidas em outras línguas e imitadas em outros países.

Recentemente, uma revista infantil publicada no México apresentou uma das suas histórias com as seguintes palavras: “Vejam o desfile de criaturas malélicas, de mutilações criminosas que aterrorizarão o leitor, fazendo com que ele passe a desconfiar dos beijos embriagados das mulheres desconhecidas... Vejam o terror indescritível de BEIJOS DO INFERNO!”

Na capa de trás da revista há a seguinte nota da redação:

“Revistas que de fato contribuem para a elevação do nível cultural e moral do nosso povo.”

A variedade da violência e da brutalidade pormenorizadamente ilustradas é enorme. Os enforcamentos e os esfaqueamentos são comuns. O ato mais característico é o de esbofetear uma moça. Outro tema frequente é o ferimento nos olhos – forma de tortura, mostrada em incontáveis casos, que não tem equivalente em nenhuma outra literatura no mundo inteiro. Uma história em quadrinhos mostra um homem com um soco inglês golpeando nos olhos outro homem (firmemente seguro por um terceiro). Diálogo: “Agora o *outro* olho, Pete! Mas veja se *torce* um pouco o soco inglês!” Numa história em quadrinhos de Far West, o “Goiveiro” ameaça o olho do herói com a longa e pontuda unha do polegar – chamada a “manicura do assassino”.

As histórias em quadrinhos sobre a selva, as de terror ou interplanetárias, especializam-se em tortura, derramamento de sangue e lubricidade, em ambientes exóticos. Os homens brancos nas histórias da selva são louros, são tipos nórdicos másculos, atléticos e belos, ao passo que os nativos de cor são apresentados com características subumanas. A história em quadrinhos do tipo super-homem também requer uma infundável galeria de criminosos de “ar estrangeiro”, para justificar o uso constante da força e da superforça. Esses criminosos são sempre negros, judeus, eslavos ou orientais, caracterizados por feições irregulares, peles escuras, deformidades físicas.

Os chamados “clássicos” em quadrinhos são destinados a crianças que “não irão ler mais coisa alguma”. Os dados existentes mostram que são adotados em 25.000 escolas norte-americanas. A ser isso verdade, nunca ouvi acusação mais séria à instrução nos Estados Unidos. Essas revistas não revelam às crianças o mundo da boa literatura; elas o ocultam.

Por exemplo, um menino retardado de 14 anos que tinha lido a versão “clássica” de **O Médico e o Monstro**, de Robert Louis Stevenson, declarou o seguinte: “O livro chama-se **O Doutor Louco**. Ele faz um remédio, toma-o e se transforma num animal. Mata uma menina. Depois se transforma num homem. Continua transformando-se. Finalmente leva um tiro. Gosto do pedaço em que ele avança para a menina e dá nela com uma bengala”.

Macbeth, de Shakespeare (aerodinamizado para ter mais ação e adaptado para leitura fácil e agradável) traz no primeiro quadro as palavras ditas por uma jovem (Lady Macbeth): “Suje de SANGUE os empregados que estão dormindo!” Shakespeare e as crianças são corrompidos ao mesmo tempo. Ainda estou para ver uma criança que tenha sido levada a ler os clássicos no original por ter lido as respectivas versões em quadrinhos. Uma bibliotecária informa: “A circulação dos livros para a juventude caiu muito desde que as revistas de histórias em quadrinhos se tornaram tão populares”.

Muitos adultos pensam que os crimes descritos nas revistas de quadrinhos estão tão afastados da experiência comum que são, para as crianças, mera fantasia. Mas derramar histórias sórdidas nas mentes infantis não é a mesma coisa que derramar água nas costas de um pato. A delinquência juvenil nos Estados Unidos aumentou um 30% desde 1947, isto é, no período correspondente ao grande aumento da circulação das revistas de histórias em quadrinhos.

Vejam os casos:

1. Três meninos, de seis a oito anos, pegaram outro de sete, enforcaram-no numa árvore, com as mãos para trás, e depois queimaram-no com fósforos. As autoridades apuraram, nas suas investigações, que os meninos estavam reproduzindo uma história lida numa revista de histórias em quadrinhos.

2. Um menino de 11 anos matou uma mulher num assalto. Preso, foi encontrado cercado de revistas de histórias em quadrinhos.

3. Um menino de 13 anos matou uma menina de seis num crime sexual. Preso e levado para a cadeia, a única coisa que pediu foram histórias em quadrinhos.

4. Em poder de um menino que tinha feito parte de um grupo que atacou e apunhalou gravemente outro menino, foi encontrada uma faca em cuja bainha estava escrito a tinta: MATO PELO PRAZER DE MATAR.

Eu poderia estender essa lista quase indefinidamente. Como acentua o Juiz Samuel S. Leibowitz, do Tribunal do Condado de King, em Nova York, “os réus de crimes de violência, atualmente, muitas vezes não passam de crianças – numa idade em que anos atrás só tomariam contato com a lei por roubarem maçãs e virarem carrocinhas de vendedores ambulantes”.

Se alguém decidisse mostrar às crianças como roubar, assaltar e invadir residências, não poderia elaborar plano melhor do que oferecer-lhes histórias em quadrinhos. Um rapazinho que havia praticado furtos em várias casas comerciais explicou:

– Em **O Crime Não Compensa** veio um caso assim, mostrando como se entra pela porta dos fundos de uma fábrica. Não copiei isso. Achei que a porta lateral era o melhor caminho.

Outro menino disse:

– Vi uma revista em que um homem traz um cabide com ganchos presos ao casaco. Ele enfia coisas por baixo do casaco e elas desaparecem.

Os garotos veem esses homens se saírem bem com isso e dizem: “Vamos experimentar”.

Numa revista de histórias em quadrinhos, que tem o “Selo de Aprovação dos Editores de Revistas de Histórias em Quadrinhos”, aprendemos que depois de um roubo podemos fugir mais rapidamente se apagarmos a luz com um tiro. A questão do que é direito e do que é errado nunca é levantada – só a questão de vencer. E as forças da lei em geral só vencem depois de o criminoso ter praticado um erro evidente. Discutindo a pena, muitas crianças dirão que o criminoso merecia o que lhe aconteceu: “Ele não se deixou apanhar?”

Encontram-se revistas de histórias em quadrinhos por toda parte.

Contra a criança se concentra o poderio econômico de uma grande indústria sem regulamentação de espécie alguma. Os editores de revistas de histórias em quadrinhos se especializam no anonimato: raramente podemos ter a certeza de quem publica isto ou aquilo. Na realidade a quase totalidade dessas revistas é publicada por um pequeno número de empresas que o fazem sob vários nomes. Os títulos, também, são trocados com frequência: se uma revista é criticada, os editores às vezes interrompem a série e começam de novo a mesma coisa sob outro título.

Os que defendem essas revistas, entre eles alguns peritos em orientação de crianças, sustentam que as histórias policiais em quadrinhos servem de “descarga das tendências agressivas das crianças”, que elas são o “folclore de hoje”, que os menores delinquentes são em geral “predispostos” para a delinquência ou, antes de tudo, instáveis.

Moralmente, a Psiquiatria nunca chegou a um ponto tão baixo. As histórias em quadrinhos sobre crimes ajudam as crianças a se livrarem de suas inibições e não das suas agressões. Fazem com que a violência, o sadismo e a obscenidade pareçam naturais. O folclore, que apresenta lendas e fatos em histórias e canções, nada tem a ver com heróis que manejam uma faca, furam olhos com unhas e fumam maconha.

A destilação de vício dessas revistas não tem paralelo na história da literatura infantil de nação alguma em tempo algum. Acredito que os pais, alertados, acabarão compreendendo que as revistas de histórias em quadrinhos não são um mal necessário. Estou convencido de que de alguma maneira o processo democrático se afirmará e a história em quadrinhos sobre crimes desaparecerá.

